

SOLENIDADE DA RAINHA SANTA ISABEL
Igreja da Rainha Santa Isabel, 4 de Julho de 2025, 16h00

Homilia na Missa da Real Ordem de Santa Isabel

Caríssimos irmãos,

Com o coração em júbilo, aqui nos reunimos neste belíssimo templo, para cantar as maravilhas de Deus que se refletem de forma singular em Santa Isabel de Portugal, a nossa Rainha Santa. Nesta Missa da tarde, sobressai, com especial relevo, a presença da Real Ordem de Santa Isabel, instituída em 1801, pelo príncipe regente D. João, em nome da Rainha D. Maria I e que se constitui como uma Ordem Dinástica honorífica, privativa da Casa Real Portuguesa, com a natureza de associação privada de fiéis da Igreja Católica e que tem por finalidade manter viva a devoção à Rainha Santa Isabel.

Gostaria, por isso, de saudar, antes de mais,

Vossa Alteza Real, a Senhora Dona Isabel, Duquesa de Bragança e por inerência, Grã-Mestre da Real Ordem de Santa Isabel;

Suas Altezas aqui presentes;

todas das excelentíssimas Damas da Real Ordem de Santa Isabel;

os ilustres Cavaleiros da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa;

e todos os fiéis devotos que encontram junto da Rainha Santa Isabel uma confidente nas horas amargas de sofrimento, uma intercessora nas provações desta vida e um exemplo luminoso que nos provoca e convida a um testemunho mais fiel do amor de Deus no Mundo.

Neste ano jubilar, motivos não nos faltam para a ação de graças: com a Igreja universal, celebramos o Ano Santo da Esperança; damos ainda graças a Deus nos quatrocentos anos da canonização de Santa Isabel ocorrida a 25 de maio

de 1625, pelo Papa Urbano VIII; e celebramos, finalmente, os 700 anos da peregrinação da Rainha Santa a Santiago de Compostela.

Quis, por isso, a Confraria da Rainha Santa Isabel, com a devida anuência do prelado coninbricense, mandar abrir o túmulo da Rainha Santa, como é praxe nos anos jubilares, oferecendo assim a todos os fiéis a possibilidade de venerar a mão benfazeja da Padroeira de Coimbra.

Mas o que leva milhares de devotos a peregrinar a este templo para reverenciar a mão da Rainha Santa?

É que esta mão toca os nossos corações!

Se é verdade, como disse Pascal, que “as mãos sustentam a alma”, não deixa de ser sintomático que, quando o célebre escultor Auguste Rodin, no início do século passado, esculpiu o seu famoso par de mãos, pensou primeiramente em denominá-lo de “A arca da aliança”, mas depois preferiu chamá-lo de “A Catedral”. De facto, no vazio entre as duas mãos direitas que se erguem e se procuram fundir, há um espaço gerado entre aquelas mãos que faz lembrar a abóboda de uma catedral gótica, cuja chave seria o toque que torna tangível o encontro das mãos. É o sagrado solene e habitado por Deus, qual catedral, que aflora nas delicadas mãos que se entrelaçam.

Também nós, nesta ocasião, ao contemplarmos a mão benfazeja da Rainha Santa, confessamos, com o Salmista: “a mão do Senhor fez prodígios, a mão do Senhor foi magnífica; a mão do Senhor fez maravilhas!” (*Sl 118, 15-16*). Ao trazermos à mente e ao coração o testemunho da sua vida, nós reconhecemos agradecidos: Deus abriu com largueza as Suas mãos (*cf. Sl 145, 16*) e, por meio das mãos de Santa Isabel, tem saciado a tantos, que se confiam na sua intercessão.

As mãos da Rainha Santa, são por isso um sinal, um sinal daquela maturidade de vida cristã que queremos imitar:

De *mãos postas* em adoração, Santa Isabel de Portugal é modelo da Igreja em oração; daquela intimidade com o Senhor que alimenta a nossa Fé. Estas mãos orantes, nos interpelam: como está a minha vida espiritual? Rezo, de verdade?

Tenho um programa de vida espiritual? Procuro, de forma especial, na Santa Missa e na oração pessoal os meios mais eficazes para crescer na amizade com o Senhor Jesus? A minha oração tem o horizonte do mundo, procurando interceder pelas grandes intenções e causas, nesta hora premente para a Humanidade? As mãos postas da Rainha Santa em oração, desafiam-nos a buscar o princípio e fundamento da nossa vida: a contemplação de Deus.

Mas as mãos da Rainha Santa, são também *mãos erguidas* diante das injustiças e violências. São mãos erguidas detendo o ódio e a guerra, abrindo caminho à esperança e à concórdia. Medianeira da Paz, logo no seu nascimento, foi Isabel, em toda a sua vida, uma artífice da Paz, na sua Casa e na sua Família. Mãos que se ergueram para deter o avanço do mal; mãos frágeis que se agigantaram favorecendo o caminho da reconciliação. Estas mãos erguidas ao serviço da Paz, nos provocam nesta hora: e as nossas mãos? Também as nossas se erguem para deter o mal e construir a concórdia? Ou continuamos de braços cruzados e olhos fechados, demitindo-nos deste dever?

As mãos da Rainha Santa são, ainda, *mãos estendidas* sobre os pobres e os doentes; são um sinal translúcido da Caridade divina, que privilegia o desvalido e o vulnerável, e nos interpela a vencer a indiferença, “tocando a carne de Cristo no irmão que sofre” (*Papa Francisco*), assumindo – como nos convoca o nosso amado Papa Leão – que “esta é a hora do Amor!” (*Papa Leão XIV*). Perguntemo-nos então: as nossas mãos estendem-se para o irmão que sofre, que passa por privações, que está doente ou mais só? Dou de mim, não somente o que me sobra, mas também o me faz falta, repartindo com largueza, confiando que Deus não Se deixa vencer em generosidade?

Finalmente, contemplamos as mãos de Santa Isabel, *mãos firmes* sobre o bordão de peregrina, oferecido outrora pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, no termo da peregrinação cujos setecentos anos se completam por estes dias. Mãos firmes de peregrina! Que bela imagem, que sintetiza bem toda a nossa vida: uma parábola do nosso peregrinar a caminho do Céu. Somos

peregrinos, todos peregrinos, a caminho. Peregrinos da Esperança, como nos convoca este Ano Santo. Peregrinos que sabem que não temos nesta terra morada permanente. Peregrinos com mãos firmes no bordão, com aquela firmeza e determinada determinação de quem quer estender o Reino dos Céus, fazer acontecer o Evangelho de Jesus, já aqui na Terra, dando um testemunho público, destemido e coerente da Fé que nos faz caminhar.

Caríssimos,

O que move milhares de devotos a peregrinar a este templo para venerar a mão benfazeja da Rainha Santa Isabel?

A certeza de que, pelo testemunho fiel das mãos da nossa Padroeira, temos a confiança de que “a mão do Senhor não está encolhida para salvar” (Is 59, 1) pois, também hoje, o Senhor nosso Deus conta com as nossas pobres mãos, para continuar a operar as Suas maravilhas, em favor do Seu Povo.

Como precisamos também hoje de mãos assim! Cristãos de *mãos postas* em oração; cristãos de *mãos erguidas* detendo o mal e construindo a Paz; cristãos de *mãos estendidas* para levantar e consolar o que mais sofre; cristãos de *mãos firmes* na construção do Reino dos Céus já aqui na Terra.

Vossa Alteza, Senhora Dona Isabel,

Com o Vosso próprio nome, sois também, em nossos dias, a primeira herdeira do exemplo e carisma de Santa Isabel de Portugal que, como Grã-Mestre da Real Ordem, tendes a missão de custodiar e difundir, juntamente com as Damas que vos rodeiam e que hoje se congregam a vós.

Sabei, Alteza, que Portugal tem necessidade de ver em vós e em todas as Damas da Real Ordem de Santa Isabel mãos assim: mãos postas em oração, mãos erguidas detendo o mal, mãos estendidas sobre o desvalido, mãos firmes na edificação do Reino.

Confiados na sua intercessão, nas mãos da Rainha Santa confiamos esta súplica.
Ámen.

©P. Francisco Prior Claro